

## EDUCAÇÃO PARA UMA ECONOMIA DO AMOR

Marcos Arruda<sup>1</sup>

O amor nasce do entendimento de que não podemos ser plenamente nós sem o Outro. Amar pressupõe, portanto, uma plena aceitação. Exige de nós a atitude de total apoio ao Outro para que ele desenvolva seus potenciais, sua subjetividade e sociabilidade, sua espiritualidade e sua amorosidade.

“Nós, seres humanos, somos animais que dependem do amor. Isto fica evidente no fato de que ficamos doentes quando privados de amor, em qualquer idade” (Maturana). Sem a prática amorosa, toda ideologia, toda filosofia e toda retórica são vãs. A prática amorosa se chama *cuidado*: agir com a atenção e o coração voltados para o sujeito ou o objeto da nossa ação. A práxis amorosa não se limita ao Outro humano, mas abrange a Terra e o Cosmos, a quem estamos ligados por laços indissolúveis de solidariedade.

Na *perspectiva egocêntrica*, característica do Masculino, o Outro, por ser diferente de nós, surge como ameaça. A cultura dominante – patriarcal e competitiva – nos induz a vê-lo como adversário que deve ser submetido, excluído e destruído. Na *perspectiva ecocêntrica*, atributo do Feminino, o Outro é o que não sou. Tem talentos, percepções físicas, intelectuais, psíquicas e espirituais que podem me enriquecer. Portanto, somos complementares. *Enriqueçamo-nos mutuamente com nossas diferenças*, nos ensina Paul Valéry. A aceitação, inclusão e promoção do Outro me enriquece e me amplifica. A submissão, exclusão ou destruição do Outro me empobrece e me reduz.

O amor implica necessariamente *libertação*, ou processo de construção de crescente liberdade. A aceitação do Outro obriga a reconhecer o Outro plenamente como um centro irradiador de energia vital, psíquica, espiritual, amorosa. Implica a partilha de toda informação necessária ao empoderamento do Outro para o autodesenvolvimento. A informação adequada é a condição da liberdade de escolher. O direito a escolher, porém, implica renúncia e também disciplina para aceitar a renúncia. O amor implica necessariamente *igualização*, ou processo de construção de crescente igualdade de direitos, responsabilidades e oportunidades. Igualdade como estado de igual direito de cada pessoa à gestão do seu próprio desenvolvimento – portanto, ao *autodesenvolvimento* – e a escolher unir-se a outros – em *comunidade* (unidade com o outro) – no processo de *co-desenvolvimento* e de

---

<sup>1</sup> Socioeconomista e educador do PACS, facilitador da Unipaz e do Programa Educação Gaia, membro do CIT – Colégio Internacional dos Terapeutas, e sócio do Instituto Transnacional. Artigo para publicação no Almanaque Ecos Marianos, da Editora Santuário, junho de 2009.

*ecodesenvolvimento*. Enfim, o amor implica *irmanação*, ou processo de construção de crescente irmandade de destino e de luta. A irmandade é a aceitação *ativa* do Outro, a integração *ativa* no coletivo humano e cósmico, não por coerção, não apenas pela partilha do destino e da luta comum pela vida, mas *por escolha consciente e livre*. Aceitação *ativa*, porque cúmplice. Aceitando radicalmente o Outro, sou capaz de me construir como subjetividade e singularidade. Sem o Outro não posso ser eu-próprio. Daí o respeito que devo desenvolver pelo eu-próprio de cada Outro. Sem o Outro, o meu eu-próprio é artificialmente *um eu solitário*. Com o Outro, o meu eu-próprio é naturalmente *um eu-próprio solidário*.

Nessa dinâmica de *Ser-com-o-Outro* delineiam-se as ações que constroem uma economia do amor. Uma economia em que ajudo o Outro a se sentir apto para assumir e lutar pelo direito de possuir bens econômicos e acessar os recursos necessários para a produção e reprodução da vida. Em que aprendo e ensino a cooperar, a partilhar e a dar o que tenho a mais. Em que percebo bens materiais não como fins, mas como meios para viabilizar o autodesenvolvimento, a felicidade e a paz.

Todas as pessoas e sociedades aspiram ao desenvolvimento integral dos seus potenciais e isso nada tem a ver com o acúmulo de bens materiais. Economia, em grego, quer dizer gestão da casa. Todos precisamos gerir e cuidar de cada uma das casas que habitamos. O objetivo último da atividade econômica é o *mais-ser* (Teilhard) e não o bem-estar. Este tem a ver com a satisfação de necessidades e desejos, enquanto o *mais-ser* liga-se à contínua insatisfação pelo que já sou, e ao impulso permanente de ir sempre além de onde já cheguei.

Se a economia solidária é a construção do bem-estar para cada um e para todos com base na partilha e no dom, a educação solidária é a construção permanente do mais-ser. Além de mim próprio eu encontro o Outro, além de nós encontro a sociedade (no espaço atual), além dela encontro a espécie humana e o corpo coletivo da humanidade (no espaço-tempo), além da espécie humana encontro a Terra, e mais além o Cosmos com outras possíveis humanidades. No interior de tudo, encontro o Ser Essencial, o espírito que anima, vivifica e unifica, o Alfa e o Omega da Unidade da Diversidade, aquele/aquela que dá sentido profundo a toda existência. Educar é colaborar para o desabrochar da consciência de que somos gestores de nossa própria caminhada no sentido do « sempre mais além ».

A educação visa a aprendizagem de como « caminhar no fio da navalha » na relação comigo próprio, com o Outro, com a Natureza, com a sociedade e com a humanidade. A verdadeira educação nos faz aceitar e assumir a co-dependência que existe entre nosso próprio poder e o poder do

Outro. Sem tornar-me eu próprio sujeito do meu desenvolvimento individual e coletivo, não posso aceitar, acolher e colaborar com o empoderamento do Outro como sujeito do seu próprio desenvolvimento individual e coletivo. Nem estar autônoma e amorosamente conectado com “a teia da vida e o mistério do Universo” (Brandão). Educar é ensinar a conviver com o mistério do amor, a caminhar no fio do paradoxo amoroso.

Tudo isto constitui não só um conjunto de proposições morais mas, primordialmente, leis da própria evolução da Natureza, da vida e da consciência. Que tipo de energia é característica desta evolução? “Será a realidade física o fundamento e a linguagem matemática mera e útil aproximação (paradigma aristotélico), ou será a estrutura matemática a verdadeira realidade, que os observadores têm que buscar captar superando sempre mais a imperfeição da sua percepção?” (Tegmark). Essas questões não esgotam o problema e proponho outra abordagem do Real. Uma que ultrapassa a dimensão física e a linguagem matemática, e que se ocupa da dimensão não quantificável do Real. Uma abordagem que pode ser uma nova ciência, justamente aquela que Teilhard chamou de «energologia» ou “centrologia”, pois captaria a dimensão meta-física ou ultra-física, exigindo uma linguagem meta-matemática ou ultra-matemática para expressá-la. Não seria este campo energético aquele em que é possível tocar o fundo e a raiz essencial do Real? Não seria este fundo e raiz essencial justamente o mistério do Amor ?

*Rio, 4/7/2009*

*Artigo que resume o núcleo temático do livro “Educação para uma Economia do Amor: A formação do ser humano integral – Educação da Práxis e Economia Solidária”, terceiro de uma trilogia.*